

O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL, SUAS IMPLICAÇÕES E DESAFIOS E O IMPACTO CAUSADO ÀS FAMÍLIAS DAS CLASSES POPULARES

Jennifer Jakeline Camelo Pereira de Almeida¹, Rafael Marques Gonçalves Pedrosa²,
Igor Torres Magalhães Avelar³

¹UFMG/Departamento de Pedagogia/Faculdade de Educação, jenniferjcpa@ufmg.br

²UFMG/Departamento de Engenharia Mecânica/Escola de Engenharia, igortmavelar@ufmg.br

³UFMG/Departamento de Engenharia Eletrônica/Escola de Engenharia, rafaelmmp@ufmg.br

Resumo: O objetivo deste arquivo é fazer uma análise de como a adoção do ensino remoto, implantado pelas secretarias de educação para as escolas públicas de Belo Horizonte está incompatível com a realidade das famílias das camadas populares e como esse modelo pode prejudicar os alunos das escolas públicas, principalmente se for mantida a aplicação do ENEM e como essa desigualdade de condições e acesso à tecnologia pode trazer um impacto capaz de acentuar a desigualdade social e econômica.

Palavras-chave: Educação, Ensino Remoto, Tecnologia, Políticas Públicas

1. Introdução:

Com o advento do Coronavírus, e a necessidade de manter-se um isolamento social para evitar a disseminação do vírus, as instituições educacionais de Belo Horizonte foram orientadas a suspender suas atividades presenciais, por meio Decreto Municipal nº 17.298/2020. Esse movimento fez com que essas instituições pensassem em estratégias capazes de manter o conteúdo programático e a atividade pedagógica, a fim de diminuir as perdas para as crianças e adolescentes matriculados na Educação Básica, e para todos os indivíduos matriculados nas instituições de ensino superior. Isso fez com que algumas instituições de ensino públicas e a maioria das instituições privadas adotassem o ERE (Ensino Remoto Emergencial), que foi regulamentado pela Portaria MEC nº 544, de 16 de junho de 2020. Esse documento dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo Coronavírus - COVID- 19.

2. Educação a Distância, análises, expectativas e desafios:

A educação *online* já era uma realidade de alguns cursos e instituições que adotaram o EAD (ensino a distância). O EAD é um modelo de educação pensado para atender as demandas de pessoas que não podem estar presencialmente e frequentemente nas escolas devido a sua rotina de vida. Sua estrutura se dá em plataformas virtuais compostas por aulas expositivas gravadas, tudo elaborado e pensado com antecedência e com toda a preparação e suporte técnico. Porém no ERE, a situação é bem diferente. A necessidade de uma implantação rápida, fez com que os professores precisassem se adaptar a tecnologias que até então não faziam parte do cotidiano escolar e sem o devido preparo e suporte necessários, principalmente nas escolas públicas. Segundo o portal G1, uma pesquisa TIC Educação 2019, divulgada na terça-feira 09/06/2020, aponta que 39% dos estudantes de escolas públicas urbanas não têm computador ou tablet em casa, enquanto nas escolas particulares, esse índice é de 9%. Na mesma pesquisa ainda vemos que 53% dos docentes disseram que a ausência de curso específico para uso do computador e da internet nas aulas dificulta muito o trabalho e ainda que apenas 14% das escolas públicas (estaduais e municipais) tinham ambiente ou plataforma virtual de aprendizagem antes da pandemia. (OLIVEIRA, 2020).

Ausência de formação para uso do computador e da internet nas aulas
Respostas dadas por professores de escolas urbanas, públicas e privadas, à pesquisa TIC Educação

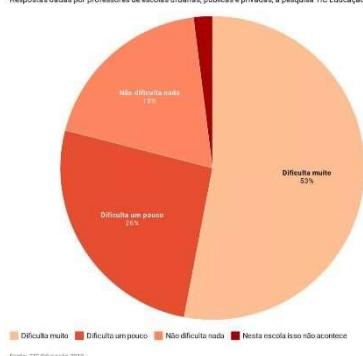


Figura 1

Uso da internet em atividades escolares

Total de alunos que estudam em escolas urbanas e usuários de internet

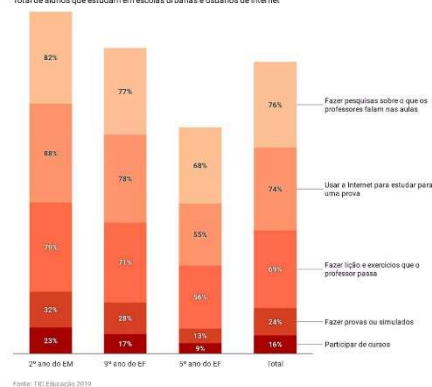


Figura 2

Com base nesses dados, podemos perceber que há uma grande desigualdade enfrentada na adoção do ensino à distância na educação básica entre os ambientes públicos e privados. Destacando aqui a cidade de Belo Horizonte, onde o governo do

estado instituiu formas de adotar o retorno das atividades pedagógicas nesse modelo a distância, e com isso as escolas privadas também se organizaram para as atividades *online*, temos em contrapartida a postura do prefeito Alexandre Kalil (PSD) nesta terça-feira (11). Para o chefe do Executivo da capital, o ensino à distância é uma “agressão à pobreza”. Além disso, ele não acredita no retorno dos alunos às escolas de BH antes da criação de uma vacina contra a COVID-19. (ADLER, Matheus. Jornal estado de Minas 11/08/2013). A ideia do prefeito e de sua equipe responsável pela educação em BH é não prejudicar os alunos da rede municipal, a tentativa é implantar um ensino mais personalizado, por isso adotaram estratégias que preveem o contato com os alunos e responsáveis por diversos meios de contato: telefone, cartas, e-mail, redes sociais e WhatsApp, para entender qual a realidade de cada família e assim oferecer métodos mais adequados a cada um, que podem ser o ensino virtual, envio de material físico para os alunos que não podem acessar internet e estudos de meios em que todos possam ser atendidos, para que nenhum aluno seja então prejudicado em comparação aos que estão matriculados em outras redes pública e privada. Outros estudos também estão sendo realizados como redução de férias para recuperar o tempo perdido e algum modelo de ensino híbrido que venha a possibilitar compactar os conteúdos de dois anos e em um. Atualmente a rede municipal de Belo Horizonte possui 323 escolas, mais 211 redes parceiras, totalizando 150 mil alunos. Em média 16 mil alunos por ano, tem deixado a rede pública municipal para migrar para outras redes (estadual e privada).

Ao analisar o impacto da mudança nos alunos e alunas do ensino médio, a situação do alcance do ensino remoto se torna ainda mais preocupante. Considerando-se que o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) é a principal forma de ingresso ao ensino superior, é possível observar um agravamento a situação de desigualdade causada também pela implantação dos novos métodos educacionais. Os alunos e alunas que são de classes sociais e econômicas mais desfavorecidas e também os que moram em regiões mais remotas, na maioria das vezes não têm acesso a internet e com isso não podem desenvolver as atividades e conteúdos escolares propostos. Segundo matéria, divulgada no site Guia do Estudante do Grupo Abril, em agosto de 2020

“O Ensino Médio brasileiro sempre precisou lidar com a evasão e a qualidade ruim de aprendizagem. A pandemia vai deixar ainda mais pedras no caminho, por isso gera tanta preocupação em educadores e especialistas. O ensino a distância, implementado às pressas e sem muito preparo, não foi capaz de conter os prejuízos em um cenário de desigualdade, com tantos alunos sem o acesso às ferramentas necessárias e ao suporte emocional... Além da reprovação, dados mostram que depois da pandemia, mais gente vai abandonar os estudos. A pesquisa “Juventudes e a Pandemia do Coronavírus”, realizada pelo CONJUVE (Conselho Nacional da Juventude) em parceria com Em Movimento, Fundação Roberto Marinho, Mapa Educação, Porvir, Rede Conhecimento Social, Unesco e Visão Mundial, aponta um cenário alarmante. Segundo o levantamento, quase 30% dos jovens pensam em deixar a escola e, entre os que planejam fazer o Enem, 49% já pensaram em desistir. A maioria sente grande dificuldade de estudar em casa, por conta da falta ou precariedade de ferramentas para acessar os conteúdos, somada com desequilíbrio emocional e dificuldade em se organizar.” (MORALES, Juliana. 2020)

Os alunos e alunas do ensino médio se sentem desamparados e preocupados com o futuro, o que pode vir a causar um grande impacto econômico, além do já causado pelo fechamento do comércio, onde a maioria das famílias, dessas classes populares trabalha e tira seu sustento. Um dos dados levantados na pesquisa Juventudes e a pandemia do Corona vírus, informa que:

...6 a cada 10 jovens tiveram alteração em sua carga de trabalho desde o início da pandemia: seja por aumento, redução ou parada temporária das atividades, ou ainda por demissão e fechamento do local. E ainda que a renda familiar desses jovens foi mais afetada do que a renda pessoal: enquanto 4 a cada 10 indicam ter diminuído ou perdido sua renda, 5 a cada 10 mencionam essa redução na renda de suas famílias. (CONJUVE, 2020).

Além das preocupações com o acesso, que entre os jovens é menor, do que entre os alunos do ensino fundamental essa pesquisa também mostra que:

...Os principais desafios dos jovens para estudar em casa não estão na falta de tempo ou no aparato tecnológico disponível, mas sim no equilíbrio emocional, na dificuldade de organização para o estudo à distância e a falta de um ambiente tranquilo em casa. Para ajudar nessa nova rotina de estudos, 6 a cada 10 jovens consideram que escolas e faculdades devem priorizar atividades para lidar com as emoções; e 5 a cada 10 pedem estratégias para gestão de tempo e organização. (CONJUVE, 2020)

Jovens do ensino médio tem pensado, inclusive em algumas alternativas que parecem bem radicais, segundo reportagem da BBC News Brasil em Londres, em agosto de 2020 os Alunos da rede pública planejam até reprovar de propósito para 'aprender de verdade' em 2021

Para eles, a distância tem dificultado tanto o aprendizado, que vale mais refazer todo o ano em 2021 - mesmo sem saber qual será o estado das coisas e das aulas. ... ‘Não é que eu vou fazer de novo, eu só vou fazer, porque esse ano eu não fiz nada”, explica Júlia Almeida, estudante de 17 anos do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola estadual em Belo Horizonte, Minas Gerais. (Gragnani, Juliana. 2020)

3. Metodologia:

Por ser um tema muito atual, o artigo aqui proposto se utilizou de reportagem e pesquisas para construir um panorama a respeito da situação do ERE na Educação Básica. Apesar da situação ser recente e ter sua implementação devido ao fator pandemia, foram encontrados diversos materiais sobre educação e tecnologia em vários campos científicos, principalmente da educação, porém o foco desse artigo é o impacto que o ERE causa aos alunos e alunas da educação pública e não sobre as especificidades do uso da tecnologia. Com isso se fez mais relevante a construção deste a análise dos autores e as entrevistas.

4. Conclusões:

Essa situação demonstra que o impacto da pandemia pode ser ainda mais preocupante que o previsto, ainda que o governo federal tenha decidido por adiar o ENEM, anteriormente aplicado em novembro para o início do ano de 2021, pois muitos desses adolescentes matriculados, principalmente na rede pública já consideram seu ano letivo corrompido. Enquanto os alunos da Rede Privada contam com uma estrutura mais elaborada e planejada que visa ajuda-los a enfrentar os desafios atuais e futuros, tanto na vida escolar como profissional, as escolas da Rede pública ainda se veem em fase de testes e pesquisas, ou ainda adotando medidas que não contemplam a complexidade que envolve a Educação Escolar. Essa situação evidencia ainda mais o abismo entre as classes sociais econômicas, principalmente no Brasil, que ainda tem muito a desenvolver nessa questão.

Esse artigo então conclui que o Ensino Remoto Emergencial, implantado com a finalidade de suprir as demandas da educação e com isso minimizar os impactos da desigualdade social, demonstra exatamente o contrário. É possível perceber que se formou um abismo entre as classes com melhor poder econômico e as camadas mais pobres da população. Fica assim então, cada vez mais evidentes, as discrepâncias no que diz respeito ao acesso e as oportunidades. Apesar de haver avanços, é possível notar que ainda existem muitos desafios e obstáculos para superar as barreiras econômicas, que são o principal fator de evidência ao analisar a questão



das desigualdades no Brasil. Se faz necessário assim, que se pense em políticas públicas capazes de intervir nessas questões, inclusive ações de discriminação positiva, que estão no círculo de debates atualmente. É indispensável também reconsiderar o discurso de meritocracia, visto que ainda existem tantas questões que interferem no sucesso escolar e profissional.

Referências Bibliográficas:

ADLER, Matheus. Kalil descarta ensino a distância na rede municipal de BH: Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/08/11/interna_gerais,1175074/kalil-descarta-ensino-a-distancia-na-rede-municipal-de-bh-aula-remot.shtml>. Acesso em: 4 set. 2020.

BEHAR, Patrícia Alejandra. O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-adistancia>>. Acesso em: 3 set. 2020

BERTONI, Estêvão. Os efeitos da pandemia no ensino médio e na realização do Enem. Publicado em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/04/28/Os-efeitos-da-pandemia-no-ensino-m%C3%A9dio-e-na-realiza%C3%A7%C3%A3o-do-Enem>> Acesso em: 3 set. 2020.

GRAGNANI, Juliana. Coronavírus: Alunos da rede pública planejam reprovar de propósito para 'aprender de verdade' em 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese>>. Acesso em: 7 set. 2020.

HODGES, Charles; TRUST, Torrey; MOORE, Stephanie; BOND, Aaron; LOCKEE, Barb. Diferenças entre o aprendizado online e o ensino remoto de emergência. Disponível em: <http://escribo.com/revista/index.php/escola/article/view/17/16>. Disponível em: <<http://escribo.com/revista/index.php/escola/article/view/17/16>> Acesso em: 3 set. 2020.

MORALES, Juliana. O Ensino Médio brasileiro pede atenção e reforço no pós-pandemia. Publicado em 13 agosto 2020 em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/oensino-medio-brasileiro-pede-atencao-e-reforco-no-pos-pandemia>> Acesso em 19/09/2020